



**CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL  
GABINETE PARLAMENTAR DO DEPUTADO DISTRITAL BRUNELLI**

LIDO  
Em 10/04/07  
*[Assinatura]*  
Assessoria do Plenário

**INDICAÇÃO Nº IND 940 /2007**

Ao Protocolo Legislativo para registro (Do Sr. Deputado Brunelli)  
seguida à CCI.

Em 11/04/07

*[Assinatura]*  
Rafael Pinheiro Lima  
Chefe da Assessoria do Plenário

**Sugere ao Senhor Governador do Distrito Federal, a reestatização dos Cemitérios do Distrito Federal.**

A Câmara Legislativa do Distrito Federal, nos termos do art. 143 do seu Regimento Interno, sugere ao Senhor Governador do Distrito Federal, a reestatização dos Cemitérios do Distrito Federal.

**JUSTIFICAÇÃO**

Fica claro a cada dia de que a privatização dos serviços dos cemitérios a empresas privadas não foi uma boa idéia, principalmente pelos preços abusivos que vêm sendo praticados.

A matéria do Correio Braziliense, do dia 28/03/2007, com a manchete: O PREÇO DA MORTE, veio nos alertar sobre as possíveis irregularidades que podem estar ocorrendo no contrato dessas empresas que administram os cemitérios do Distrito Federal. Portanto, vale destacar alguns comentários dessa matéria jornalística.

“O comércio do luto é lucrativo e movimenta R\$ 10 milhões por ano. Todos os dias 22 pessoas são enterradas na capital do Brasil.

De doença, velhice, tiro ou acidente. Da morte, não há como fugir. E se o encontro com Deus - ou com o diabo - é inevitável, o que dizer dos gastos com os preparativos do funeral. Em Brasília, o enterro mais modesto, com uma única coroa de flores, sem castiçal no velório nem sofá para atravessar a noite, custa R\$ 1,4 mil. É o menor preço. O maior passa de R\$ 12 mil.

As cifras se multiplicam e mostram que a morte é um bom negócio na capital do Brasil. Movimenta cerca de R\$ 10 milhões por ano. A cada 24 horas, 22 pessoas são enterradas no Distrito Federal. Existem seis cemitérios, o maior e mais disputado, tanto pelas famílias quanto pelas empresas que fazem do luto um comércio, é o Campo da Esperança no Plano Piloto.

Os seis cemitérios são administrados por um consórcio de empresas privadas. Proprietário da construtora Contil, uma das consorciadas, o empresário Francisco Moacir Pinto investe - e ganha - muito dinheiro com serviços funerários. Ele é responsável pelo Campo da Esperança e pelos outros cemitérios do DF (leia perfil na página ao lado). Também gerencia cemitérios em três estados - São Paulo,

PROTOCOLO LEGISLATIVO  
IND Nº 940 / 07  
FIS. Nº 01 RITA

Assessoria de Plenário  
Recebi em 09/04/07 às 10:45  
*[Assinatura]*  
12071-00





**CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL**  
**GABINETE PARLAMENTAR DO DEPUTADO DISTRITAL BRUNELLI**

Ceará e Amazonas. "É um mercado em expansão", admite Francisco, apaixonado confesso pelos assuntos fúnebres. Viaja todos os anos para se reciclar sobre o assunto na Europa e Estados Unidos.

Desigualdade social Sofrer em vida não significa recompensa na hora da morte. Ao contrário. Quanto mais pobre, mais simplório o enterro. A lista de gastos fúnebres é extensa: caixão, transporte, flores, velas, velório, cova, adereços na lápide e dinheiro para se manter o lugar limpo.

A reboque de uma morte, entra em ação uma tropa de agentes e intermediários. Oferecem múltiplos serviços à família em luto. Carregam farto enxoval. Álbuns de fotos que exibem caixões com boa madeira e forro de cetim. O Campo da Esperança tem 10 capelas. Oito simples e duas especiais. Paga-se caro, 15 vezes mais, uma é R\$ 10, a outra é R\$ 150, por um serviço que não pode ser classificado como mordomia. As diferenças são ar condicionado, frigobar e sofá cama.

Para quem ganha pouco, as despesas com enterro valem muito. "Acho uma extorsão querer exigir esse dinheiro todo também na hora da morte", desabafa Marilza Rodrigues de Queiroz, de 42 anos que, há um mês enterrou a mãe e até hoje está endividada. "Em vida, a pessoa já paga tanto imposto".

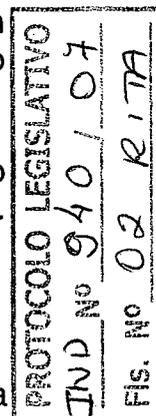
O mais complicado é que a morte costuma chegar num momento em que a famílias já empenhou as economias em tratamentos médicos e remédios. É o caso da cabelereira Marilza. Moradora de Samambaia, ela e os quatro irmãos pagaram R\$ 12 mil para custear a cirurgia da mãe Araci Fagundes Leite. Tinha 60 anos e não resistiu 'a complicações renais.

Depois da morte, a família ainda pagou mais de R\$ 3 mil para o funeral no cemitério de Taguatinga. Para dar conta das despesas, a família se desdobrou. Negociou descontos na funerária, parcelou a compra do jazigo.

Você sabia...

Em Brasília, um caixão pode custar R\$ 10 mil. Numa cidade administrativa como Brasília, onde é grande o número de servidores públicos, muitos contam com auxílio funeral para ajudar nas despesas em caso de morte na família - mais ainda é grande o rosário de reclamações sobre a lerdeza do governo em repassar o benefício ao cidadão.

Para quem não desfruta da benesse, os cemitérios da capital "facilitam" a vida dos clientes. Financiam as despesas em até 30 meses. Assim como num crediário de uma loja de eletrodomésticos, as pessoas recebem o carnê em casa. Até a data do vencimento, é só levá-lo a um banco para quitar a despesa mensal.





**CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL**  
**GABINETE PARLAMENTAR DO DEPUTADO DISTRITAL BRUNELLI**

---

No início de 2002, o governo transferiu para a iniciativa privada a administração dos seis cemitérios da capital - Plano Piloto, Taguatinga, Gama, Sobradinho, Planaltina e Brazlândia. A mudança de gestão correspondeu a mais gastos para os brasilienses.

Foi implantado, por exemplo, o sistema parque. Diferente do modelo tradicional, com túmulos e mausoléus sobre o terreno, na área parque se vêem apenas grama e placas de mármore.

A inovação encareceu o produto. No modelo antigo, uma sepultura individual, com arrendamento por 10 anos, custava R\$ 408. Na área parque, o jazigo é perpétuo, comercializado a R\$ 663. E é preciso pagar todos os meses R\$ 27,67.

O funcionário público Walter de Oliveira, 50 anos, discutiu valores com a gerência do Campo da Esperança no meio do velório da irmã. Foi uma cena desagradável, constrangedora e sofrida para Walter. Ele jura que acertou um valor pela cova com a funerária e, na hora do sepultamento, o cemitério cobrou outro.

"Não existe respeito com as famílias que enterram seus mortos", desabafa Walter. "Disseram que eu não podia enterrar minha irmã porque não havia túmulo disponível pelo valor que me deram na funerária. Para enterrá-la, teria de pagar três vezes mais".

A capital do país difere um pouco de outros grandes centros, onde existem cemitérios públicos - administrados pelo governo ou por concessionárias - e particulares. O preços variam de cemitério para cemitério, de cidade para cidade. Em todas, a morte é uma empresa lucrativa."

Diante disso, sugerimos que Vossa Excelência repense e retorne ao GDF as atribuições de conservação e manutenção dos cemitérios de todo o Distrito Federal, proclamando os nossos nobres Pares a aprovação desta proposição.

Sala das Sessões, em 03 de março de 2007.

  
**BRUNELLI**  
Deputado Distrital -DEM

PROTOCOLO LEGISLATIVO
IND Nº 940 / 07
Fis. Nº 03 RITA